



FOTOGRAFIA E HISTÓRIA

Professor, este suplemento foi elaborado com o objetivo de ajudá-lo a trabalhar o conteúdo dos artigos da *Revista de História da Biblioteca Nacional* em sala de aula. Pretende contribuir para se pensar, de forma estimulante e criativa, a construção do conhecimento histórico, a questão das identidades e a historicidade de temas transversais e de conteúdos abordados nos livros didáticos.

PROPOSTA

Nesta ocasião, recuperamos o artigo “Sem perder a pose”, [RHBN n° 7, janeiro de 2006, pp. 77-81] e o especial “Retrato em branco e preto” [RHBN n° 30, março de 2008, pp.80-85] para analisar os chamados “álbuns de família”, principal forma de produção e divulgação das fotografias na sociedade imperial.

QUANDO OFERECER ESTA AULA

Os artigos abordam a construção da autoimagem da classe senhorial branca e o uso que os libertos faziam da fotografia, como meio de driblar os estigmas da escravidão. Sugerimos situar a presente proposta após o conteúdo sobre a abolição do tráfico de escravos (1850) e a legislação que restringia o cativo no Brasil (Lei do Ventre Livre em 1871, Lei dos

Sexagenários em 1885). A crise da sociedade escravista, nas décadas finais do século XIX, estimula a discussão sobre o lugar que ocupavam os libertos e os homens livres de cor no contexto da transição para o trabalho livre.

ABORDAGEM CONCEITUAL

No Império, a fotografia cumpria a importante função de mostrar o pertencimento a um grupo familiar. Era utilizada para projetar o poder das elites, ostentando seus hábitos refinados, riqueza, educação erudita e círculo de amizades. Por outro lado, a mesma tecnologia funcionava como um passaporte para a ascensão dos libertos, representando o desejo de reconhecimento de sua cidadania. Uma diferença que ajuda a refletir sobre a questão racial. Para ingressar nessa sociedade, o liberto precisava “parecer branco”, adotando o comportamento do grupo dominante, presente em expressões, roupas e mobiliário dos álbuns de famílias negras. Este fato remete à concepção difundida no Brasil de que, para ser negro, o indivíduo precisa parecer negro. A mestiçagem não é condição suficiente para conformar a identidade negra entre nós, ao contrário, por exemplo, dos Estados Unidos.

A FOTOGRAFIA NOS ARTIGOS

“Sem perder a pose” [RHBN nº 7, janeiro de 2006] e “Álbum de família” [RHBN nº 30, março de 2008] nos mostram o valor da fotografia para as elites. Predominam os retratos de celebrações especiais, como casamentos, noivados, formaturas e comunhões. A mudança de estado civil propiciada pelo matrimônio era frequentemente registrada. Uma forma de comunicar a posição dos cônjuges e os laços sociais que uniam famílias ricas e tradicionais. A exibição de poder incluía a escolha do fotógrafo, algum entre os mais renomados da Corte, como Joaquim Insley Pacheco ou J. F. Guimarães, distinguido pelo valor de seus serviços e pelos prêmios acumulados nas exposições universais. Outro recurso visual que realçava o prestígio era a presença recorrente de empregados e dependentes pessoais, como a governanta francesa que figura no primeiro dos dois artigos [RHBN nº 7, p. 79].

“O valor da aparência” [RHBN nº 30, março de 2008] nos mostra como os negros alforriados e seus filhos recorriam à fotografia. Ser cidadão em uma sociedade que baseava a identidade dos indivíduos na ascendência e na cor significava romper com as amarras do passado. O semblante sóbrio, a economia de gestos, a roupa ornamentada, o mobiliário cênico não eram simples imitações do comportamento da elite. Comunicavam visualmente a condição de cidadão, reforçando a certeza de um futuro promissor. Por meio da fotografia, os forros afastavam os estigmas da escravidão. As roupas e o recorte seletivo das lentes ocultavam marcas de castigos, açoites e ferros, que dificultavam o acesso de ex-escravos às posições sociais de destaque, apesar da conquista da liberdade. Para este grupo, os álbuns de família estavam longe de representar alianças matrimoniais,

riqueza e opulência. Expressavam o orgulho da estabilidade familiar e da liberdade dos filhos, prova visual de sua integração social e de seu ingresso na igualdade da cidadania.

ATIVIDADES DIDÁTICAS

1. Professor, peça aos alunos que tragam seus álbuns e fotografias diversas (colhidas na Internet, em revistas e jornais), para confrontá-las com as imagens que ilustram os artigos. Como eles percebem a mudança no uso da imagem? Os modos de vestir, de expressar, a composição do cenário e os objetos portados são elementos que ajudam a comparar as temporalidades. É importante desfazer o senso comum de que a imagem seja um simples espelho do real, apresentando-a como um recorte seletivo sobre a realidade, que sempre exprime as intenções de seu produtor e os valores de uma sociedade.

Em seguida, cabe apresentar-lhes questões que orientem a percepção da imagem. Exemplos: o que consideramos relevante para merecer nosso registro? A que tipo de evento dedicamos mais fotografias? Como nos apresentamos diante das lentes? A forma espontânea predomina sobre os instantes de excessiva formalidade. Somos mais fotografados sozinhos ou em ambientes familiares? Mesmo sem deixar de figurar nossos elos sociais, as fotos de hoje trazem uma forte marca do individualismo.

Seria interessante explorar os contrastes entre a sociedade retratada nos artigos e o mundo atual. Mais do que o avanço tecnológico, que propiciou a difusão da fotografia, o que mudou foram as funções da imagem. Quando foi inventada, em 1835, a fotografia funcionava como instrumento de valorização da aparência e da condição social, tanto para as elites como para os libertos. Hoje ela se tornou mero arquivo pessoal e expressão do individualismo, especialmente visível nos materiais de publicidade, que cultuam padrões de beleza e consumo.

2. Ao lado das diferenças, há um significado que aproxima as fotografias das famílias de senhores e de ex-escravos. As imagens apresentam as mulheres desempenhando um papel valorizado socialmente, ligado à administração doméstica e à preservação familiar. Sugerimos analisá-las, indicando os elementos visuais que espelhavam o modelo de comportamento feminino, reforçando sua condição de dominação.

Compare as figuras da viscondessa de Ubá e de sua filha [RHBN n° 7, pp. 78 e 80]. Ambas posam com suas joias, o leque e a lira ao alcance das mãos. A exigência de refinamento e cultura musical da mulher nobre retorna em outra fotografia que merece atenção [p. 79]. Ela tem como centro uma governanta francesa e um piano, cercados pelas crianças em simetria perfeita, expressando o ideal de disciplina e moral na educação familiar da elite (note-se que as meninas estão sentadas e os meninos, de pé). Outro aspecto valioso da representação da mulher é o seu lugar na cena fotográfica, quando aparece junto ao marido [p. 81]. Trata-se de um padrão presente também nos álbuns de família dos libertos [RHBN n° 30, pp. 84 e 85]. Nestes casos, a mulher está sempre de pé, ao lado ou atrás do marido, com a mão a tocar seu ombro, sinalizando dependência.

PRINCIPAIS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

1. Compreender que a imagem, a fotografia em particular, não é reprodução fiel da realidade. Encerra uma dimensão histórica ao expressar intenções, valores e hierarquias distintos dos nossos.
2. Perceber o contraste entre a ênfase coletiva e familiar da fotografia na sociedade oitocentista e o individualismo no mundo atual, em que a imagem é artigo banal.
3. Compreender o conceito de apropriação, por meio dos usos da fotografia, entre a exaltação das elites e a inversão da condição de dominação de ex-escravos.

SAIBA MAIS:

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & fotografia*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2003.

ERMAKOFF, George. *O negro na fotografia brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2004.

MUAZE, Mariana. *As memórias da viscondessa: família e riqueza no Brasil Império*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

A Revista de História da Biblioteca Nacional quer saber a sua opinião.

A atividade proposta alcançou bons resultados? Compartilhe sua experiência com outros professores. Envie seus comentários, sugestões e críticas para revistadehistoria@revistadehistoria.com.br

Cópia deste encarte e dos artigos citados nas atividades podem ser obtidos no link www.revistadehistoria.com.br/naescola

Coordenador do projeto e editoração: Luciano Figueiredo
Produção executiva: Nívia Pombo
Projeto gráfico: Locus Solus
Pesquisa e redação: Alexandre Paiva de Rio Camargo
Consultoria pedagógica: Suzana Maria Aquino de Souza e Silva
Copidesque: Bella Stal



Uma realização da Revista de História da Biblioteca Nacional com o apoio financeiro da FAPERJ.



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL